

A *COMPILATIO* COMO FERRAMENTA DIDÁTICA NO *LIVRE DES FAITS D'ARMES ET DE CHEVALERIE* DE CHRISTINE DE PIZAN

A Compilation as a Free Teaching Tool of the Facts of Arms and Knight of Christine of Pizan

Stephanie Sander¹

Doutoranda em História Global

Universidade Federal de Santa Catarina

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4175-0863>

E-mail: tephasander@gmail.com

Recebido em: 20/08/2024

Aprovado em: 22/11/2025

Resumo: O presente artigo expõe parte dos resultados da nossa pesquisa de mestrado, defendida em 2021. Tem como fonte de análise o *Livre des Faits d'Armes et de chevalerie* (o livro dos feitos de armas e de cavalaria) escrito por Christine de Pizan (1365 - c. 1430), em 1410. Trata-se de um manual de guerra concebido para aconselhar o delfim da França Louis, duque de Guyenne (1397-1415) e aqueles envolvidos de alguma maneira com a guerra, que poderiam ler ou ouvir ler as ideias e sugestões da autora. Neste artigo, buscamos entender a fonte dentro do conjunto das obras didáticas medievais, analisado um dos elementos que compõe a escrita que a autora desenvolveu para seus trabalhos políticos: a *compilatio*. Através de uma análise indiciária e do ponto de vista da hermenêutica imaginativa, procuramos compreender qual é o papel da *compilatio* na difusão dos conselhos que Pizan dirige à sociedade guerreira francesa nos *Faits d'Armes*.

Palavras-chave: *compilatio*; Christine de Pizan; *Livre des faits d'armes et de chevalerie*; escrita didática.

Abstract: This article presents part of the results of our master's degree research, finished in 2021. As a source of analysis, we have the *Livre des Faits d'Armes et de chevalerie* (the book of deeds of arms and of chivalry) written by Christine de Pizan (1365 – c. 1430) in 1410. It is a war manual conceived to advise the French dauphin, Louis de Guyenne (1397-1415) and all those involved in some way with wars in that time, those who could read or listen read the author's ideas and suggestions. In this article, we seek to understand the source within the category of medieval didactic works, analyzing one of the elements that make the writing style the author developed for her political works: the *compilatio*. Through an evidentiary analysis, from the point of view of imaginative hermeneutics, we intend to understand what role *compilatio* plays in disseminating Pizan's advice addressed to the French warrior society in the *Faits d'Armes*.

Key-words: *compilatio*; Christine de Pizan; *Livre des faits d'armes et de chevalerie*; didactic writing.

INTRODUÇÃO:

Este estudo tem como pano de fundo a França do século XV, que estava “em pé de guerra” em todas as frentes: externamente em guerra contra a Inglaterra; e internamente em um conflito aristocrático pelo controle do governo em nome do rei Charles VI (1368-1422). Precisamente, a fonte deste estudo foi concebida em Paris, em um estúdio, onde uma figura peculiar da história intelectual francesa deu vida a suas ideias sobre as guerras que o reino enfrentava num tratado militar, almejando, talvez, poder aconselhar a aristocracia – e o povo – sobre a importância da paz.

Essa figura era Christine de Pizan (1365 - c. 1430). Uma “simples e frágil mulher” que decidiu escrever sobre “o mais honrado ofício”, o das armas (I, i, 23 e 21, tradução nossa).² A obra em questão é o *Livre des Faits d’Armes et de chevalerie*³ (adiante referida como os *Faits d’Armes*) e foi concebida em 1410, para aconselhar aqueles envolvidos de alguma maneira com a guerra, que poderiam ler ou ouvir ler suas ideias e sugestões (Pizan; Willard, 1999, p. 5).

Pizan é conhecida hoje principalmente pelas obras que escreveu em defesa das mulheres de seu tempo, e por ter protagonizado uma das mais conhecidas querelas literárias do medievo, a *Querelle de la Rose*.⁴ Em vida, a querela lhe proporcionou reconhecimento e leitores, sobretudo na corte francesa, passando a ser bastante respeitada por seu pensamento político nesse meio. Os estudos acerca das obras políticas de Christine de Pizan apontam-na, muitas vezes, como uma “autora didática” por conta do conteúdo dessas obras e pelo desejo da autora de aconselhar seu público (Ribémont, 2008).

Este texto apresenta parte dos resultados da nossa pesquisa de mestrado, defendida em 2021. Aqui, buscamos entender a fonte dentro do conjunto das obras didáticas medievais, analisado a *compilatio*, um dos elementos que comporiam a escrita que a autora desenvolveu para seus trabalhos políticos naquilo que é chamado de “escrita didática christiniana” (Ribémont, 2008, p. 72, tradução nossa).⁵ Procuramos, deste modo, compreender qual é o papel da *compilatio* na difusão dos conselhos que Pizan dirige à sociedade guerreira francesa nos *Faits d’Armes*.

Inspirada pela situação política ao seu redor, Christine de Pizan escreve um tratado militar,

para dar instrução mais particular, não para aqueles que o sabem por necessidade, mas àqueles que em tempos vindouros poderão ler ou ouvir [ler] pelo desejo de saber – pois a escrita em livros é a coisa mais perpétua do mundo. Parece-nos bom mostrar mais detalhadamente em nossa dita obra as coisas boas e propícias para combater cidades, castelos e vilas, conforme o presente uso, para dar um exemplo mais compreensível (II, xx, 148-149, tradução nossa).⁶

Infelizmente, por conta do curto formato de um artigo, não conseguiremos descrever detalhadamente a fonte. Por hora, é importante ressaltar que sua autora não ambicionou escrever um livro sobre tudo o que existia para tratar sobre a guerra em seu tempo. A obra é dividida em quatro livros: o primeiro aborda guerras justas, uma introdução às estratégias militares e ao bom comando da armada; o segundo trata de *exempla*⁷, guerras de cerco e (brevemente) combates navais; o terceiro e quarto livro discutem sobre as leis e os costumes relacionados à guerra. Ao lermos os *Faits d'Armes*, podemos perceber que a autora escolheu abordar apenas os tópicos que julgava mais importante, principalmente aquilo que considerava insuficiente no reino, propondo mudanças e melhorias. Charity C. Willard (1998, p. 14) aponta que para Pizan era imprescindível “fomentar a ideia de que na guerra todos os combatentes devem estar sujeitos a certas regras, geralmente aceitas, de conduta” (tradução nossa).⁸ Assim, era necessário compreender tais regras, além de ser fundamental ter noções básicas de estratégia militar, reconhecer a importância do treinamento constante e, antes de tudo, saber se o conflito que está sendo travado é justo ou não.

Com isso em mente, Christine nos conta que “reuniu materiais colhidos de vários livros para produzir a [sua] intenção o presente volume”. Atentando ao fato que “[aqueles que] exercem [o ofício] e especialistas na dita na arte da cavalaria não são clérigos nem [pessoas] instruídas na ciência da linguagem”, a autora teve o cuidado e a intenção de tratar o assunto “na mais plana e compreensível linguagem possível, com a finalidade de que a doutrina dada por diversos autores, [...], proposta no presente livro, possa ser clara e compreensível a todos” (I, i, 21-22, tradução nossa).⁹ Seu objetivo era pedagógico, para

“lembrar dos males e da crueldade da guerra, para evitá-los no futuro” (Carroll, 2000, p. 355, tradução nossa).¹⁰

Com estas reflexões, gostaríamos ainda de mencionar duas metodologias principais que nortearam nosso olhar à fonte durante a escrita da dissertação e na elaboração deste artigo: o chamado “paradigma indiciário” de Carlo Ginzburg (2012) e a “hermenêutica imaginativa” de Marcia Schuback (2000); e detalhar um pouco do processo de nossa tradução dos trechos dos *Faits d’Armes* que utilizamos.

O paradigma indiciário está centrado no detalhe, trata-se da capacidade de, “a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar uma realidade complexa não experimentável diretamente” (Ginzburg, 2012, p. 151-152). Desta forma, a metodologia se baseia em valorizar as especificidades da fonte, exercitando a conjectura durante o processo da pesquisa (Rodrigues, 2013).

A hermenêutica imaginativa diz respeito àquilo que as fontes medievais, como os *Faits d’Armes*, têm a nos dizer, e “pretende simplesmente aproximar-se da condição viva do pensamento medieval e permitir que a sua voz possa encontrar em nós algum campo de ressonância” (Schuback, 2000, p. 36). Busca-se preservar a condição viva dessas fontes, não restaurar seu passado. Para compreendê-las, o pesquisador (intérprete) precisa se identificar de algum modo com elas, montar uma imagem desse passado, que vemos através da fonte: um mosaico criado “a partir da quebra das rígidas figuras que determinam o entendimento moderno” que se tem tradicionalmente do pensamento medieval (Schuback, 2000, p. 36). Ou seja, a interpretar e compreender o texto medieval através de suas próprias noções e conceitos.

Com relação à tradução dos trechos aqui citados dos *Faits d’Armes*, tomamos como base principal a transcrição publicada por Laennec em 1988 (v. 2, p. 17-293).¹¹ Essa transcrição foi feita a partir dos fólios 1 a 80 do manuscrito *Paris, Bibliothèque Nationale de France (BnF), Ms. Français 603* (adiante referido como *Ms. 603*). Apesar da língua utilizada por Pizan nas obras guardar semelhanças com o francês moderno, não foi possível compreender a transcrição em sua totalidade sem o auxílio de outros recursos, nomeadamente: o *Dictionnaire du Moyen Français (DMF) on-line* – para entender palavras ou expressões medievais;¹² e a tradução americana, editada por Charity C. Willard em 1999, que foi baseada no manuscrito *Bruxelles, Koninklijke*

Bibliothèque/Bibliothèque Royale (KBR), Ms. Français 10476 (adiante referido como *Ms. 10476*) – que nos auxiliou na compreensão do sentido geral do texto. Também recorremos aos *Mss. 603 e 10476 on-line*,¹³ que são os mais antigos da obra,¹⁴ o primeiro para conferir dúvidas em relação à transcrição de Laennec e o segundo quando a tradução americana apresentava diferenças notáveis no texto.

A seguir, nos debruçaremos, então, sobre a questão didática nos *Faits d'Armes*. Começaremos primeiramente pela definição daquilo que é considerado uma obra didática no medievo e porque consideramos a fonte deste artigo uma, para então podermos dar atenção à *compilatio*, que consideramos uma das ferramentas que Christine de Pizan fez uso na fonte para torná-la didática e o mais acessível o possível para seu público leitor/ouvinte.

OBRAS DIDÁTICAS NO MEDIEVO

No medievo, as obras didáticas muitas vezes eram concebidas a partir de uma necessidade, ou uma vontade, de aconselhar ou instruir acerca daquilo que a “natureza não ensina” – ou seja: o que não aprendemos sozinhos –, para complementá-la. Com este objetivo, foi criado uma vasta gama de trabalhos morais e pedagógicos sobre os mais diversos assuntos, pois a “natureza sozinha não ensina aspectos da cultura humana, por mais ‘natural’ que esse comportamento possa parecer para nós” (Ruys, 2008, p. 2, tradução nossa).¹⁵ Portanto, a obra didática no período era aquela que visava, principalmente, o ensino de algum assunto. São escritos que muitas vezes acabaram sendo incluídos em outros gêneros de escrita como: bestiários, poemas, *exempla*, textos hagiográficos, tratados médicos, filosóficos, ou políticos, espelhos de príncipes, sermões, entre outros (Classen; Poole, 2010, p. 1750).¹⁶

Atentando para esta lista de possibilidades, Juanita Ruys (2008, p. 3-4) destaca a dificuldade de identificar uma obra como “didática”, uma vez que muito da literatura medieval pode ser vista como tal, dependendo da perspectiva analisada, fazendo com que sua caracterização seja desafiante. A dificuldade, entretanto, se desfaz quando encontramos uma intenção didática evidente no discurso de autores medievais que se identificam como educadores ou moralistas, que forneciam conselhos através de uma

“persona didática” no texto – como é o caso da autora da fonte que aqui estudamos (Ruys, 2008, p. 5-6).

O fato de grande parte da obra de Christine de Pizan ser considerada didática não é questionado pelos especialistas: nossa autora dedicou a vida ao desenvolvimento de um estilo discursivo didático (Margolis, 1986, p. 361). Isto porque ela possuía uma profunda convicção acerca do poder edificante da literatura, que teria o poder – e o dever – de promover a virtude e a harmonia (Ruys; D’Arcens, 2008, p. 83). O gosto pelo conhecimento e pela aprendizagem que Christine de Pizan possuía também não era desconhecido de seu público. Para Françoise Autrand (2009, p. 118), as obras *Enseignemens* (c. 1398) e *Epistre Othea* (1400-1401), representaram mudanças significativas na obra christiniana, pois até o momento ela escrevera sobretudo poemas de temática cortesã e, a partir de então, passa a escrever textos didáticos.

Ao ver o reino francês, que a adotara, passar por dificuldades e ser assolado pelas guerras, nossa autora “entra no campo da política” (Blanchard, 1986, p. 43-44) – um campo majoritariamente masculino – com um objetivo principal: aconselhar pela paz. A esperança de que isso era possível veio do estudo, pois foi através de suas leituras que a autora se convenceu que o destino humano não é sempre ditado pelos caprichos da Fortuna (Autrand, 2009, p. 262). Para Christine de Pizan, erros e infortúnios também poderiam ser causados pela Dama Opinião (*Dame Opinion*), alegoria que representaria o conhecimento imperfeito que ser humano possui na procura da verdade, mas que frequentemente conduzia ao erro. Tais infortúnios e erros causados pela Opinião poderiam ser remediados por meio do Estudo (*Étude*) (Pizan, 2001, p. 80-87 *apud* Autrand, 2009, p. 262).

Assim, com o apoio das damas que sempre a guiaram na escrita de suas obras e com o Estudo, Christine de Pizan procurou aconselhar àqueles que poderiam resolver os conflitos que o reino aturava: além dos *Faits d’Armes*, o *Livre du Corps de Policie* (1407) foi dedicado ao delfim Louis, duque de Guyenne (1397-1415), que seria, até então, o futuro ocupante do trono;¹⁷ e, não esquecendo a faceta feminina do/no poder, o *Livre des Trois Vertus* (1405) foi dedicado à Marguerite de Borgonha (1393-1442), na ocasião de seu casamento com Louis de Guyenne; e o *Epistre à la Reine* (1405), uma carta aberta, foi

escrita à Rainha Isabeau de Bavière (1371-1435), aconselhando-a a intervir nas disputas entre os duques que disputavam a guerra civil (Autrand, 2009, p. 265).

Concordamos com Autrand (2009, p. 265), quando a autora afirma que estas obras foram frutos de longas reflexões para encontrar as melhores soluções para os problemas do reino e demonstram que Christine de Pizan compreendia bem a origem das hostilidades, que iam além da rivalidade entre dois nobres.

Deste modo, entendemos que a natureza didática da obra política christiniana foi baseada na crença fundamental da autora no papel edificante da literatura e era voltada às causas primárias dos conflitos enfrentados pelo reino francês. Christine de Pizan escrevera não apenas do ponto de vista de alguém preocupada com as ações do governo, mas também como “uma mulher determinada a ter um papel ativo em moldar, na medida do possível, o destino de sua amada, mas enferma, França” (Ruys; D’Arcens, 2008, p. 87-88, tradução nossa).¹⁸

Os *Faits d’Armes*, também foi uma obra concebida com a intenção de, entre outros, aconselhar quem poderia ajudar a resolver os conflitos do reino. A obra é muitas vezes considerada didática dentro da perspectiva de um *speculum*¹⁹, orientado por uma abordagem “perfeitamente explícita e explicitada”, submetendo “a arte da cavalaria à moral, ao direito e à lei” (Demartini *et al.*; Ribémont, 2016, p. 136, tradução nossa).²⁰ Entretanto, entendemos que a autora foi além do aspecto “principesco” de um espelho, aconselhando os demais envolvidos na guerra, que poderiam ler ou ouvir ler sua obra, propondo, principalmente na primeira parte da obra, uma ética cavaleiresca a ser seguida de forma geral por todos envolvidos em guerras.²¹

A intenção didática da autora nos *Faits d’Armes* pode ser percebida em vários pontos da obra. Mostramos abaixo alguns destes pontos, para que possamos visualizá-la melhor:

Sou encorajada, após meus outros escritos passados, [...] a falar, no presente livro, do muito honrado ofício das armas e da cavalaria, tanto dos objetos que são convenientes, como o direito e o que lhe pertence, quanto o que declaram as leis e os diversos autores [...]. Mas, como é mais apropriado [que] este assunto [seja] tratado [através] de atos, diligência e prática, que pela sutileza de palavras polidas – e também considerando que [aqueles que] exercem [o ofício] e especialistas na dita na arte da cavalaria não são clérigos nem [pessoas] instruídas na ciência da linguagem – eu tenho a intenção de tratar [esses assuntos] na mais plana e compreensível linguagem possível, com a

finalidade de que a doutrina dada por diversos autores, [...], proposta no presente livro, possa ser clara e compreensível a todos. (I, i, 21-22, tradução nossa).²²

[...] para informar com mais clareza sobre [tais assuntos] e responder às questões que possam surgir [...]. (I, ii, 24, tradução nossa).²³

[...] E, da mesma forma, como não há qualquer coisa de ordem humana que não se mova ou mude no decorrer do tempo, parece-me bom tratar, ainda que brevemente, em termos mais compreensíveis, das ordens comuns [de organizar as hostes em campo de batalha] neste tempo presente, como aqueles que exercem [o ofício] das armas bem o sabem. (I, xxiii, 87, tradução nossa).²⁴

[...] para aqueles que sabem [se] beneficiar de mais de uma maneira de guerrear, parece-me bom, a fim de novamente acrescentar e multiplicar nosso conteúdo, sempre em proveito dos que perseguem à cavalaria, que adicionemos nesta parte os modos astuciosos e sutilezas que [os conquistadores de outrora] tinham em seus feitos [...], os quais podem ser de bom exemplo ouvir, para agir de maneira semelhante, se [assim desejarem], aqueles que em tais situações se encontrarem, conforme as diversas adversidades da guerra [...]. (II, i, 108, tradução nossa).²⁵

[...] em conformidade com o bom desejo que [tu] tens de dar conteúdo aos cavaleiros e nobres que poderão ouvi-lo e empregá-lo para melhorar os feitos grandiosos [da maneira que lhes são] requeridos [...] é bom que tu colhas da alguns frutos árvore de batalhas que está no meu jardim e que deles tu faças uso. (III, i, 184, tradução nossa).²⁶

Através desses fragmentos, podemos perceber que a intenção didática de Christine de Pizan era propositada e foi fruto de muita reflexão. Desta forma, seu discurso didático estava voltado para oferecer um ensino sobre o direito de armas, a guerra e a cavalaria (Demartini *et al.*; Ribémont, 2016, p. 146), sem perder ainda o foco na razão pela qual Pizan entrou no campo da política: a busca pela paz (Demartini *et al.*, 2016, p. 13).

De que modo, então, Christine de Pizan escreveu uma obra sobre guerra, com o objetivo de aconselhar a paz? Para melhor compreendermos este aspecto da fonte, julgamos necessário entender os elementos didáticos desenvolvidos na narrativa da autora, para aconselhar a paz em meio à violência no seu tempo. A seguir, abordaremos a *compilatio* como método nos *Faits d'Armes*, um aspecto que consideramos ser uma adaptação de outros estilos e/ou de outros autores, modificado intencionalmente por Pizan para servir ao propósito didático da obra.

A *COMPILATIO* COMO MÉTODO

Depois de muitas leituras, após sentir que possuía materiais suficientes em mãos, Christine de Pizan começou a construir seu castelo. Para isso, utilizou os ramos da sua árvore do conhecimento e da Árvore de Batalhas do mestre que lhe apareceu em sonhos, Bovet. Nos *Faits d'Armes*, Christine de Pizan explica que escrevera seu livro de modo semelhante ao construtor, “que já construiu muitos edifícios fortes” e “tem mais ousadia para se encarregar de construir um castelo ou fortaleza, quando se sente munido dos materiais convenientes e necessários para fazê-lo” (I, i, 21, tradução nossa).

Este, para Nadia Margolis (1986, p. 372), seria o método histórico da nossa autora. Esta alegoria já tinha sido descrita na biografia de Charles V (1338-1380), intitulada *Le livre des faits et bonnes mœurs du sage roi Charles V* (1404)²⁷. Mas essa não foi a única alegoria utilizada pela autora nesta obra. No capítulo 21 do segundo livro, Pizan (2013, p. 179) compara a tarefa de escrever suas obras com um bordado, onde ela cria “um novo significado, tecendo habilmente fios díspares” (Holderness, 2003, p. 47, tradução nossa).²⁸ O método descrito através destas alegorias era muito comum em obras medievais e é conhecido como *compilatio*, ou compilação.

Inicialmente, os termos *compilo* (o ato de compilar) e *compiler* (quem compila) tinham sentido pejorativo na antiguidade, pois eram utilizados para se referir a “atividades literárias duvidosas” (Minnis, 2006, p. 57, tradução nossa).²⁹ Com o passar do tempo a palavra perdeu o sentido negativo, pois já em Isidoro de Sevilla (c. 560 – 636 EC) era utilizada com o sentido de “misturar”. O arcebispo definia o compilador como aquele que “mistura os dizeres de outros com seus próprios”, como um pintor misturando pigmentos para conseguir a cor desejada para sua tela (*apud* Minnis, 2006, p. 58, tradução nossa).³⁰

Os trabalhos de compilação se tornaram mais frequentes no século XIII, quando a *compilatio* tornou-se reconhecida como uma forma distinta escrita (Minnis, 2006, p. 49). São Boaventura (c. 1217-1274) descrevera o *compiler* como uma pessoa que escreve com materiais de outros autores, aglutinando-os, sem adicionar algo de si próprio. Enquanto o *auctor* (autor), seria aquele que escreveria com suas próprias ideias e também

com as de outros, sendo “os materiais de outros anexados com o propósito de confirmar seus próprios” (*apud* Minnis, 2006, p. 49, tradução nossa).³¹

Aqui fazemos um parêntese para conceituar dois outros termos ligados ao autor medieval: *auctoritas* e *auctoritates*. Albert Ascoli (2008) entende o autor (*auctor* em latim, *author* em inglês), como um escritor de obras utilizadas como referência importante em algum assunto no medievo. Para ele, “um ‘autor’ [...] não era qualquer escritor antigo de literatura, mas era, ao contrário, e contra a definição moderna, uma pessoa que possuía *auctoritas* e quem poderia também ter produzido textos que eram conhecidos como *auctoritates*” (Ascoli, 2008, p. 6, tradução nossa, grifos do autor).³² Os “textos clássicos que adquiriram com os séculos capital cultural e o status de garantidores da verdade” são chamados de *auctoritates* (Ascoli, 2008, p. 7, tradução nossa).³³ Uma *auctoritas*, seria portanto “um julgamento do homem sábio em sua disciplina escolhida” – a autoridade que um *auctor*, ou *auctoritates*, possui acerca de um determinado assunto (Minnis, 2010, p. 10, tradução nossa).³⁴

Para Alastair Minnis, um *auctor* faria afirmações, enquanto o *compiler* repetiria ou reportaria o que outra pessoa disse ou fez. O autor seria o responsável por aquilo que escreve, ao passo que o compilador se isentaria da responsabilidade por aquilo que apenas reportava ou repetia de suas fontes, firmemente negando qualquer autoridade pessoal e aceitando somente a responsabilidade pela maneira como arranja o conteúdo na obra. Desta forma, de acordo com Minnis, o compilador adicionaria pouco, ou quase nada, em termos de conteúdo próprio na obra (Minnis, 2006, p. 60). Todavia, não era incomum que compiladores medievais incluíssem algo de sua própria opinião e conhecimento nas compilações (Minnis, 2010, p. 200).

Porém, o fato de caracterizarmos uma obra como compilação, ou um escritor como compilador, não invalida ou diminui sua importância. A compilação não era necessariamente sinônimo de submissão de ideias ou mera cópia do trabalho alheio: era o resultado de uma extensa pesquisa, que “exigia reduções, ampliações, demonstrações” e “implicava a apropriação e a organização do material” lido para a confecção de algo original (Van Hemelryck, 2000, p. 681, tradução nossa).³⁵

Então, como podemos caracterizar a fonte deste artigo? Bernard Ribémont (2008, p. 71) explica que encontramos nos textos de Christine de Pizan, de modo implícito,

“a reivindicação tradicional do compilador” que coloca um pouco do seu próprio pensamento na obra (tradução nossa).³⁶ Entretanto, se optarmos pela definição de Alastair Minnis, consideramos que Pizan não seria estritamente um *compiler*, pois podemos perceber opinião e o conhecimento da própria autora nos *Faits d’Armes*. Percebemos isso através do uso dos pronomes pessoais *je* e *moi* (formas para *eu* em francês), que marcam o texto quando Christine expressa sua opinião; através de momentos em que a autora discorda de suas fontes; na originalidade de algumas partes da obra (como as listas de mantimentos do segundo livro)³⁷; e nos diálogos entre mestre e aprendiz, da terceira e quarta parte da obra, que de certa forma também oferecem espaço para a opinião de Christine. Deste modo, entendemos que nossa autora talvez seja mais bem definida como um *auctor* que faz uso da *compilatio*.

Estudiosos consideram que a compilação nas obras de Christine de Pizan era feita com um estilo próprio e com escolhas conscientes, que se distinguia “fortemente daquele de seu modelo [clássico], e que associa a precisão técnica no emprego do vocabulário jurídico e a preocupação com a clareza didática” (Demartini *et al.*, 2016, p. 21, tradução nossa).³⁸ Em nossas leituras sobre o caráter didático das obras de Pizan, concluímos que parte de seu estilo único vem justamente da ordem e da escolha dos assuntos tratados, que fazem da obra algo novo. Percebemos isso no próprio uso que nossa autora faz de suas fontes, nas partes que ela escolhe tratar, no que ela deixa de lado e no que ela discorda das *auctoritas* consultadas.

Por exemplo, a influência da obra de Vegécio (século IV EC) nos *Faits d’Armes* é tão notável que houve quem acusasse a obra de ser uma tradução malfeita da *Epitoma rei militaris* (adiante referida como *Epitoma*).³⁹ Tal acusação se torna infundada quando percebemos a intenção didática da autora e a utilização da *compilatio* como técnica na obra.

Através das notas de rodapé da tradução americana (Pizan; Willard, 1999),⁴⁰ podemos perceber que a Pizan utilizou majoritariamente as partes I e III da *Epitoma* no primeiro livro da fonte, enquanto para o segundo livro, no qual a autora abordou as guerras de cerco, a parte IV da obra do autor romano foi mais utilizada. A parte II, que trata sobretudo da organização interna das legiões romanas (Monteiro; Braga, 2009, p. 97), quase não é mencionada.⁴¹ Percebemos, portanto, que Christine de Pizan utilizou

sobretudo trechos que serviam para seus propósitos, utilizando a sabedoria de outrora para auxiliar em seus conselhos.

Os trechos da *Epitoma* que encontrados nos *Faits d'Armes* são, em sua maioria, paráfrases, ou seja, estão escritos de maneira diferente, mas mantêm o sentido do texto original – evidenciando o esforço didático da autora. Podemos apontar como exemplo um trecho no segundo livro da obra, quando Pizan, tratando da construção de fortalezas, escreve:

E diz ele [Vegécio] que os antigos, bem aconselhados, não faziam o contorno dos muros de suas cidades ou fortalezas todos diretos em linha, como é feito agora. Pois eles diziam que desta maneira [os muros] estavam mais ameaçados e mais dispostos a receber os golpes das máquinas de guerra e de serem escalados. (II, xiv, 132, tradução nossa).⁴²

Na *Epitoma*, capítulo II, parte IV, encontramos simplesmente que “os antigos não quiseram desenhar o traçado dos muros a direito para que eles não estivessem expostos aos golpes dos aríetes” (Monteiro; Braga, 2009, IV, ii, 337).⁴³ O conceito de que muralhas retas ou torres quadradas são menos resistentes, portanto, menos seguras, que um pano de muralha com curvas e torres arredondas, está presente em ambas as passagens. A ideia do autor romano foi mantida, mas Christine de Pizan acrescenta algo de seu, desenvolvendo a ideia de Vegécio para seu contexto, para que o texto possa ser mais bem compreendido por seu público. Isso se repete nos demais casos em que a autora faz uso da *Epitoma*, em menor ou maior grau de desenvolvimento das ideias por sua parte.

O último capítulo do primeiro livro dos *Faits d'Armes*, intitulado “Aqui [se] recapitula brevemente algumas coisas das ordens ditas [anteriormente]” é outro bom exemplo, onde Pizan desenvolve detalhadamente ideias que em Vegécio são descritas em poucas palavras (Monteiro; Braga, 2009, I, xxix, 101, tradução nossa)⁴⁴. A autora utiliza o capítulo XXVI, da parte III da *Epitoma*, intitulado “Regras gerais da guerra” (Monteiro; Braga, 2009, III, xxvi, 324-331),⁴⁵ para sintetizar o que fora discutido até então em sua obra. Na obra do autor romano encontramos 33 regras sucintas, enquanto o *Ms. 603* apresenta 19 itens e no *Ms. 10476* encontramos 15.⁴⁶ Seleccionamos aqui cinco destes itens, onde Christine de Pizan desenvolve as ideias do autor romano:

¶ Faça que tu conheças os cavaleiros antes de os levar em batalhas. E se por ventura tu tenhas [dúvidas], não confie neles. Pois mais vale manter a guarda em batalhas do que confiar demais em gente estranha e desconhecida.

[...]

¶ Mais vale, depois de arranjar [os combatentes em formação] para batalhas, deixar ajuda o suficiente [de pessoas na reserva, ou retaguarda], que [pessoas] em abundância nas linhas. Pois os [combatentes] frescos deixados [na retaguarda] podem socorrer [os fatigados].

¶ A virtude ajuda mais que a quantidade, e frequentemente vale mais em batalha que a força.

[...]

¶ Não leves o cavaleiro para batalha se não esperas a vitória, pois se tem pouca esperança ele [já] está meio vencido.

¶ As coisas repentinas assustam o inimigo. [Aquele] que persegue seu inimigo imprudentemente cobiça a dar-lhe a vitória que ele [mesmo] teve. (I, xxix, 102, tradução nossa).⁴⁷

Na *Epitoma* encontramos:

Nunca um soldado deverá ser integrado na formação de combate sem que antes o tenhas posto à prova.

[...]

É melhor guardar muitas reservas atrás das linhas do que espalhar muito os soldados.

[...]

A coragem ajuda mais do que o número.

[...]

Nunca conduzas um soldado a uma batalha a não ser quando vires que ele espera alcançar a vitória.

O imprevisto apavora os inimigos, o trivial suscita a sua indiferença. (Monteiro; Braga, 2009, III, xxvi, 325, 327 e 329).⁴⁸

Novamente, percebemos aqui que a autora selecionou frases que considerava pertinentes, parafraseando-as e desenvolvendo-as, de modo a explicá-las didaticamente.

Para demonstrar que a *compilatio* feita por Christine de Pizan é feita de escolhas deliberadas e que a autora não concorda sempre com sua fonte, destacamos um momento em que ela claramente discorda de Vegécio, desenvolvendo sua própria opinião. O trecho está presente no capítulo XI do primeiro livro da fonte. Explicando, conforme Vegécio, de onde poderiam vir as pessoas mais aptas para o combate, Pizan escreve:

[...] é dito que em terras quentes, próximas ao sol, os homens, apesar de serem sábios, *prudentes e maliciosos, não são muito audazes, pois não têm [muito] sangue, por causa do calor abundante [destes lugares]. E assim, ao contrário, dizem que aqueles de terras frias são audazes, [mas] não [são] sábios.** Portanto, não devem ser escolhidos nem uns, nem outros, mas aqueles de terras medianas podem ser levados. (I, xi, 51, grifo nosso).⁴⁹

Na *Epitoma*, parte I, capítulo II, Vegécio escreve:

Dizem que todas as nações que são vizinhas do sol, ressequidas pelo calor excessivo, têm, na verdade, mais inteligência, mas têm menos sangue e, por causa disso, não têm a firmeza e a confiança de lutar corpo-a-corpo porque receiam as feridas [...]. Pelo contrário, os povos setentrionais, afastados dos ardores do sol e, na verdade, irreflectidos, tendo, contudo sangue em abundância, estão prontíssimos para a guerra. Portanto, devem ser escolhidos nas regiões temperadas os recrutas cuja abundância de sangue basta para desprezar os ferimentos e a morte, [...]. (Monteiro; Braga, 2009, I, ii, 179).⁵⁰

Entretanto, Christine de Pizan não concorda exatamente com o que foi dito pelo autor romano e acrescenta:

Quanto a mim, tenho que nenhuma outra regra deve ser observada exceto a de escolher aqueles que mais querem, e que se deleitam no exercício das armas [...]. E estes de qual nação sejam, faça receber e escolher. (I, xi, 51-52, tradução nossa).⁵¹

Assim, apesar de dar voz às palavras de Vegécio, dizendo que os melhores guerreiros viriam de regiões temperadas, a autora vai além, discordando, dizendo que deveriam ser aceitos todos os que tivessem vontade e vocação. A *compilatio* em Christine de Pizan é um ato que nos parece, sim, consciente, servindo aos propósitos da autora.

A utilização das obras de Valério Máximo (entre I AEC - I EC) e Frontino (c. 40-103 EC) estão associadas, em sua maioria, com os *exempla* presentes nos treze primeiros capítulos do livro II da nossa fonte. Ao contrário do *Livre du Corps de Policie*, obra onde Pizan faz grande uso dos escritos de Valério Máximo, nos *Faits d'Armes* as menções à obra de Frontino são as mais frequentes.

Charity C. Willard (Pizan, 1999, p. 81, nota sem número) afirma que o contato de Pizan com os *Strategemata* de Frontino teria sido através dos comentários presentes em uma tradução da obra de Valério Máximo, feita por Simon de Hesdin (fl. 13.-1338)⁵², especificamente o manuscrito *Paris, Bibliothèque Nationale de France, Ms. Français 282*, intitulado *Faits et dits mémorables*.⁵³ De acordo com Willard, a parte VI desta tradução “foi feito inteiramente de citações dos *Strategemata*” (Pizan; Willard, 1999, p. 81, nota sem número, grifo do autor, tradução nossa).⁵⁴ Através das notas de rodapé da tradução americana, percebemos que Christine de Pizan utilizou trechos das quatro partes da obra original.

As menções à obra de Valério Máximo, *Factorum ac dictorum memorabilium libri IX*, são referentes, de acordo com Willard (Pizan, 1999, p. 100, nota 56), à parte VII da obra, que fora inteiramente dedicada às estratégias de guerra. Esta obra foi utilizada extensamente no *Livre du Corps de Policie*, onde Christine de Pizan dedicou um capítulo inteiro à explicação da razão pela qual Valério Máximo foi tão citado nela (Pizan, 1967 I, xiii, 41). Para a autora, os feitos narrados na obra do escritor romano proveram-na com materiais para dar exemplos, para promover a coragem, a virtude e o bem viver, “tanto aos príncipes, como aos cavaleiros e nobres, e também à comunidade do povo” (Pizan, 1967, I, xiii, 42, tradução nossa).⁵⁵

A obra *Arbre des Batailles* (adiante referido como *Arbre*) de Honorat Bovet (1340-1410) foi amplamente utilizada nos livros III e IV dos *Faits d’Armes*. Hélène Biu e Bernard Ribémont destacam a reorganização feita por Christine de Pizan no conteúdo da obra do prior de Selonnet presente na fonte estudada (Demartini *et al*; Biu, 2016, p. 152; Demartini *et al*; Ribémont, 2016, p. 141). Ribémont explica que essa organização revela que Pizan conhecia bem o assunto e não seria a simples aprendiz que pretendia ser nestas partes da obra. Novamente, Christine de Pizan condensou e organizou os galhos da árvore de Bovet de acordo com o que serviria para seu propósito. Tal escolha narrativa – o diálogo mestre-discípulo – permitiu que ela fizesse comentários pessoais e adicionasse exemplos contemporâneos, tornando a obra didática e interessante para seu público (Demartini *et al.*, 2016, p. 21).

A *compilatio* da autora neste trecho dos *Faits d’Armes* se constituiu num método que reteria apenas alguns elementos, breves sentenças ou resumos curtos do que Bovet escrevera no *Arbre*, de modo a complementar e traduzir tais trechos em forma de diálogo para melhor compreensão de seu público. Pizan também teria evitado as redundâncias e argumentações repetidas no *Arbre*, utilizando apenas os trechos da obra que uniam a legislação à prática militar (Demartini *et al.*; Ribémont, 2016, p. 141-142).

Em seu capítulo no livro *Une femme et la guerre à la fin du Moyen Âge*, Ribémont (Demartini *et al.*, 2016, p. 143) comparou trechos dos *Faits d’Armes* com o *Arbre*, demonstrando claramente que, por causa de seus objetivos didáticos, Christine de Pizan condensara o texto do prior de Selonnet, utilizando ainda uma linguagem mais acessível, apesar de manter parte do vocabulário jurídico do *Arbre*. Através de

Ribémont**Erro! Fonte de referência não encontrada.**, podemos notar que Bovet se dirige ao público de maneira alongada, enquanto o mestre de Christine, falando diretamente com ela, vai direto ao ponto: é ofensivo atacar aquele a quem se jurou defender. O autor também explica que a resposta do mestre é desenvolvida a partir daquilo que a autora considera o mais importante. O método de seleção utilizado por Pizan, seria recorrente no período: ela ordena, resume e omite partes difíceis ou consideradas irrelevantes, evitando redundâncias (Demartini, *et al.*; Ribémont 2016, p. 143).

No mesmo livro, Hélène Bui (Demartini *et al.*, 2016, p. 153) destaca, o “papel organizador” que Pizan assumiu na compilação do *Arbre* para sua obra (tradução nossa).⁵⁶ Foram resumidos cerca de 100 capítulos da obra do prior nos 41 capítulos dos livros III e IV dos *Faits d’Armes*. Tal “reescrita” revela, para Bui, “uma abordagem mais jurídica e pragmática do que aquela de Bovet” (Demartini *et al.*; Bui, 2016, p. 154, tradução nossa).⁵⁷

Entretanto, ao mesmo tempo que Pizan condensa redundâncias e argumentos, há trechos onde nossa autora faz justamente o contrário, tornando-se “prolixa” quando o tópico tratado por Bovet “aborda um assunto que merece ser desenvolvido dentro de [uma] perspectiva pragmática ou jurídica” (Demartini *et al.*; Bui, 2016, p. 155, tradução nossa).⁵⁸ Assim, onde o prior escrevera suas frases de maneira curta e direta, Christine de Pizan as desenvolve, com frases longas e intrincadas. Para Bui, nestas ocasiões, o Mestre de Christine demonstra ser mais eloquente que o próprio Bovet que ele representaria. A “complexidade da frase de Christine” pode ser, portanto, “devida à sua vontade de apoiar a compreensão do leitor” (Demartini *et al.*; Bui, 2016, p. 156-157, tradução nossa)⁵⁹ – outra evidência de seu esforço didático.

Para exemplificar, Bui examina um trecho da obra do prior em que se discute se o guerreiro teria o direito de pedir compensação ao soberano em caso de ter seus bens roubados pelo inimigo (Demartini *et al.*; Bui, 2016, p. 55). No *Arbre*, Bovet conclui brevemente que não, o guerreiro não teria este direito, dizendo “que ele nada poderá pedir, de acordo com o direito, a não ser que o rei faça algum outro acordo [...]” (Demartini *et al.*; Bui, 2016, p. 155, tradução nossa).⁶⁰ Nos *Faits d’Armes*, o Mestre de Christine também nega o direito, mas de outra maneira. Este trecho, para Bui, não estaria nem no

Arbre, nem nas fontes de Bovet, seria da própria Christine de Pizan (Demartini *et al.*; Biu, 2016, p. 155).

Sem hesitar, eu te respondo que não – não havendo aqui outro acordo, exceto para seus soldos. Pois sem mais [nada] combinado, apenas isto eles podem pedir e mais não. E se tu queiras me perguntar por qual razão o capitão, em ação tão grande, também não pediu ao senhor que lhe envie [restituição] como o é dito antes, etc. Eu te respondo que a lei dá grande favor àquele que não é ligado por um acordo e tem necessidade, do que àquele que está ligado [a um acordo]. E por exemplo, o podes ver [neste caso] de um homem que morou com um mercador ou outra [pessoa] [um] ano e [um] dia, sem que estivessem ligados por um acordo. Se não houver outra causa certa para que o mestre [o mercador] recuse, ele [o homem] pode fazer grandes demandas de bens e serviços no alojamento, [pois] aquilo que o homem decidir será acordado. E por isso te digo que não é aconselhado que o homem em seu alojamento tenha alguém estando como residente sem que algum acordo formal com ele seja feito. Pois a lei pressupõe [que o] homem que mora com o mestre é seu igual, no que se ganha e se perde. (III, xiv, 213, tradução nossa).⁶¹

Simone Pagot (1995, p. 47) destaca ainda que o uso que nossa autora fez das fontes em suas compilações é semelhante em todas as suas obras, com escolhas feitas a serviço da mensagem que ela quer passar. Entretanto, compreendemos que a compilação utilizada por Christine de Pizan foi além de uma escolha “estética”, como defende Pagot (1995, p. 39),⁶² sendo principalmente uma ferramenta didática. No sentido que permitiu Pizan agregar o conhecimento de outros autores, juntamente com seus próprios comentários em uma única obra, reordenando e traduzindo assuntos complexos para que seguissem uma lógica que servisse a seus propósitos: aconselhar seu público a favor da paz. Assim, através da *compilatio*, Pizan reivindica a responsabilidade da escolha dos assuntos e tem a liberdade criativa para juntá-los, de modo que a forma final da obra lhe foi própria (Pagot, 1995, p. 41). A compilação, então, remete-se à ciência e à sabedoria, é didática e “posta em serviço do sentido da obra” (Pagot, 1995, p. 42, tradução nossa).⁶³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhamos aqui com um dos elementos constituintes da escrita presente nos *Faits d'Armes*, que chamamos em nossa dissertação de “ferramentas didáticas”. Tais ferramentas, ao nosso ver, permitiram Christine de Pizan compor uma obra conforme seus objetivos: aconselhar sobre assuntos bélicos da maneira mais compreensível o possível.

A *compilatio* não foi invenção da nossa autora, mas Pizan lhe atribuiu características próprias, tornando-a única, para que seus propósitos fossem alcançados.

Escolhendo metodicamente as pedras para seu castelo (ou fios para seu bordado), a *compilatio* como método de escrita possibilitou a autora priorizar assuntos que considerava mais importantes que outros, bem como propiciou a ordenação do conteúdo de um modo que lhe fizesse sentido. Tudo isso sem que Pizan se submetesse cegamente às ideias de suas fontes. Pelo contrário, a *compilatio* motivou também a omissão de assuntos considerados não pertinentes, a discórdia de alguma das ideias de suas *auctoritas* e a inclusão de seu próprio conhecimento e opiniões na confecção do manual. Sua *compilatio* foi didática no sentido de resumir e reunir, de forma compreensível e organizada, assuntos sobre “armas e cavalaria” para um público amplo. Tudo em uma só obra, com conselhos de uma intelectual preocupada com a situação do reino que a acolhera, desejosa em ajudar a resolver tais dificuldades.

Entendemos que essas escolhas, deliberadas e conscientes por parte da autora, permitiram-lhe melhor expressar seus conselhos e transmitir a seguinte mensagem: se a guerra era realmente necessária, alguns conhecimentos e atitudes eram indispensáveis para que não houvesse violência generalizada e desnecessária.

REFERÊNCIAS:

ASCOLI, A.R. **Dante and the Making of a Modern Author**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

AUTRAND, F. **Christine de Pizan: une femme en politique**. Paris: Fayard, 2009.

BIEDERMAN, M.A. **The question of authorship of Christine de Pisan's war manual**, *Le livre des fais d'armes et de chevalerie*. Tese. Iowa State University, 1991.

BLANCHARD, J. L'entrée du poète dans le champ politique au XVe siècle. **Annales: Économies, Sociétés, Civilisations**, (1), 1986, p. 43–61. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1986_num_41_1_283258. Acesso em: 18 ago. 2024.

CARROLL, B.A. On the causes of war and the quest of peace: Christine de Pizan and early peace theory. In HICKS, E. (org.). **Au champ des escriptures**. III^e Colloque International sur Christine de Pizan. Paris: Honoré Champion, 2000.

CEIA, Carlos (coord.). **E-Dicionário de Termos literários**. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2018. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/>. Acesso em: 18 ago. 2024.

CLASSEN, A. (org) **Handbook of Medieval Studies: Terms, Methods, Trends**. Berlin: De Gruyter, 2010.

DEMARTINI, D. *et al.* **Une femme et la guerre à la fin du Moyen Âge**. Le Livre des faits d'armes et de chevalerie de Christine de Pizan. Paris: Honoré Champion, 2016.

DMF. Dictionnaire du Moyen Français (1330-1500), 2023. Disponível em: <http://www.atilf.fr/dmf/>. Acesso em: 18 ago. 2024.

GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HOLDERNESS, J.S. Compilation, Commentary, and Conversation in Christine de Pizan. **Essays in Medieval Studies**, 20(1), 2003, p. 47-55. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/ems.2004.0005>. Acesso em: 18 ago. 2024.

LAENNEC, C.M. **Christine 'antygrafe': Authorship and self in the prose works of Christine de Pizan with an Edition of B.N. Ms. 603 "Le Livre des Fais d'Armes et de Chevalerie"**. Tese. Yale University, 1988. Disponível em: <https://search.proquest.com/pqdtglobal/docview/303720678/abstract/53302BDF470A469EPQ/2?accountid=26642>. Acesso em: 18 ago. 2024.

MARGOLIS, N. Christine de Pizan: The Poetess as Historian. **Journal of the History of Ideas**, 47(3), 1986, p. 361-375. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2709658>. Acesso em: 18 ago. 2024.

MCWEBB, C. (ed.). **Debating the Roman de la Rose: A Critical Anthology**. London: Taylor & Francis, 2013.

MINNIS, A. **Medieval Theory of Authorship: Scholastic Literary Attitudes in the Later Middle Ages**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2010.

MINNIS, A. Nolens auctor sed compiler reputari: the late-medieval discourse of compilation. In CHAZAN, M.; DAHAN, G. (ed.). **La méthode critique au Moyen Âge**.

Turnhout: Brepols, 2006, p. 47-63. Disponível em: <https://doi.org/10.1484/M.BHCMA-EB.3.3121>. Acesso em: 18 ago. 2024.

MONTEIRO, J.G.; BRAGA, J. E. **Vegécio**: compêndio da arte militar. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/326319595_Vegacio_-_Compendio_da_Arte_Militar. Acesso em: 18 ago. 2024.

OUY, G.; RENO, C.; VILLELA-PETIT, I. **Album Christine de Pizan**. Turnhout: Brepols, 2012.

PISAN, C. **Le Livre du Corps de Policie**. Edição Crítica: Robert H. Lucas. Genebra: Librairie Droz; Paris: Librairie Minard, 1967.

PIZAN, C. **Book of Deeds of Arms and of Chivalry**. Tradução Sumner Willard; Edição Charity C. Willard. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 1999.

PIZAN, C. **Le Livre de Faits d'armes et de chevalerie**, Ms. Français 10476. Bruxelles, Koninklijke Bibliotheek/Bibliothèque Royale, [141?]. Disponível em: <https://opac.kbr.be/Library/doc/SYRACUSE/16493973/le-livre-des-fais-d-armes-et-de-chevalerie-ms-10476>. Acesso em: 18 ago. 2024.

PIZAN, C. **Livre de Faits d'armes et de chevalerie, Mutations de Fortune**. Ms. Français 603. Paris, Bibliothèque Nationale de France, [141?]. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b6000099t>. Acesso em: 18 ago. 2024.

PIZAN, C. **Livre des fais d'armes et de chevalerie**. Edição de Lucien Dugaz. Paris: Classiques Garnier, 2021.

PIZAN, C. **Livre des faits et bonne mœurs du sage roi Charles V**. Tradução Joël Blanchard e Michel Quereuil. Paris: Agora, 2013.

RIBEMONT, B. Christine de Pizan écrivain didactique: la question de l'encyclopédisme. In DOR, J., HENNEAU, M.-É. (dir.). **Christine de Pizan, une femme de science, une femme de lettres**. Paris: Honoré Champion, 2008.

RODRIGUES, M.B.F. **Breve definição**. [S. l.: s. n.], 2013. Disponível em: http://nei.ufes.br/sites/nei.ufes.br/files/RODRIGUES%2C%20M.B.F.%20e%20COELHO%2C%20C.M.%20Paradigma%20Indici%C3%A1rio_Breve%20defini%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 18 ago. 2024.

RUYS, J.F. **What Nature Does Not Teach**: Didactic Literature in the Medieval and

Early-Modern Periods. Turnhout: Brepols, 2008. Disponível em: <https://doi.org/doi:10.1484/M.DISPUT-EB.6.09070802050003050205090609>. Acesso em: 18 ago. 2024.

SANDER, S. **A natureza não ensina a evitar guerras: uma análise da didática de Christine de Pizan no *Livre des faits d'armes et de chevalerie***. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/231131>. Acesso em: 18 ago. 2024.

SANDER, S. **O guerreiro ideal segundo o Livre des fais d'armes et de chevalerie de Christine de Pizan**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/179715>. Acesso em: 18 ago. 2024.

SCHUBACK, M.S.C. **Para ler os medievais: ensaio de hermenêutica imaginativa**. Petrópolis: Vozes, 2000.

VALERIUS MAXIMUS. **Facta et dicta memorabilia**, traduit par Simon de Hesdin et Nicolas de Genesse sous le titre Faits et dits mémorables. Ms. français 282. Paris, Bibliothèque Nationale de France, [1401-1402]. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8451116z>. Acesso em: 18 ago. 2024.

VAN HEMELRYCK, T. Christine de Pizan et la Paix: La rhétorique et les mots pour le dire. In HICKS, E. (org.). **Au champ des escriptures**. III^e Colloque International sur Christine de Pizan. Paris: Honoré Champion, 2000.

WILLARD, C.C. Christine de Pizan on the Art of Warfare. In DESMOND, M. (org.). **Christine de Pizan and categories of difference**. Minnesota: University of Minnesota Press, 1998.

WILLARD, C.C. Christine de Pizan's concept of the Just War. In Corbellari, M.-T. B., Wahlen, B. (org.). **"Riens ne m'est seur que la chose incertaine"**. Genève: Slatkine, 2001.

NOTAS:

¹ Este artigo foi baseado em parte do capítulo 3 de nossa dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: História Global. Linha de pesquisa: História da Historiografia, Arte, Memória e Patrimônio. O mestrado foi defendido em 2021, sob a orientação da professora Dra. Aline Dias da Silveira. O mestrado foi realizado com bolsa de pesquisa da CAPES.

- ² Texto original: “simple femmelette” (I, i, 23) e “du tres honnouré office des armes” (I, i, 21). Para os trechos citados da fonte principal deste texto, utilizamos como base a edição transcrita e publicada por Christine M. Laennec em 1988 (ver referências). Visando permitir que outros pesquisadores consigam encontrar com mais facilidade os capítulos mencionados, independente da edição consultada, faremos sua referência do seguinte modo: indicaremos o livro da obra em algarismos romanos maiúsculos; o capítulo onde se encontra o trecho em algarismos romanos minúsculos; e a página da edição de Laennec em algarismos arábicos: III, ix, 204, por exemplo. Quando necessário, indicamos em nota algumas alterações no texto da fonte, que interferiram em nossas traduções, conforme os dois manuscritos mais antigos sobreviventes da fonte: o Bruxelles, Koninklijke Bibliotheek/Bibliothèque Royale, Ms. Français 10476 (referido apenas como *Ms. 10476*) e o Paris, Bibliothèque Nationale de France, Ms. Français 603, ff. 1r-80r (referido como *Ms. 603*), que foi o manuscrito utilizado na transcrição de Laennec.
- ³ Utilizamos a grafia moderna do título. O título original seria “Liure (ou livre) des fais (ou faiz) d’armes et de chevalerie”. Em tradução nossa: “Livro dos feitos de armas e de cavalaria”.
- ⁴ Sobre a querela literária em torno do *Roman de la Rose* (Romance da Rosa), Cf. MCWEBB, 2013.
- ⁵ Texto original: “l’écriture didactique chrestienne”.
- ⁶ Texto original: “pour plus particulièrement donner enseignement nom mie a ceulx qui le scevent comme besoning ne leur en soit, mais a ceulx qui le temps advenir le pourront lire ou ouir par desir de sçavoir comme escripture ou livre* soit chose au monde si que perpetuelle, nous semble bon a adjouster* a nostre ditte oeuvre plus particulièrement des choses bonnes et propices en fait de combatre cité, chasteaulx et villes selon les usaiges de present pour plus en donner entendible exemple.”
* No *Ms. 10476*, f. 64v, os trechos estão diferentes. Encontramos “escriture en livres” (escrita em livros), que faz mais sentido no contexto da frase; e nas linhas seguintes encontramos “me semble bon de monstrier” (parece-me bom mostrar), ao invés de “nous semble bon a adjouster” (nos parece bom adicionar).
- ⁷ O *exemplum*, plural *exempla*, é um termo da retórica para uma “narrativa curta de carácter moralista e que pode servir de paradigma em relação ao assunto de que trata” (Ceia, 2018, verbete *Exemplum*). A expressão existe desde a antiguidade e no medievo estava principalmente ligado a textos religiosos e moralistas, sobretudo em latim.
- ⁸ Texto original: “to promote the idea that in warfare all combatants should be bound by certain generally accepted rules of conduct”.
- ⁹ Texto original: “assemblé les mateires et cuelly en plusieurs livres pour produire a mon entencion ou present volume”; “les excercans et expars en la ditte art de chevalerie no sont communement clers ne instruiz en science de langaige”; e “au plus plain et entendible langaige que je pourray, a celle fin que la dottrine donnee par plusieurs autteurs, [...] propose en ce present livre, declairier puist estre a tous clere et entendible.”
- ¹⁰ Texto original: “to remember the evils and cruelty of war if it is to be avoided in the future”.
- ¹¹ A edição crítica da fonte, editada por Lucien Dugaz em 2021, foi lançada na semana seguinte à nossa defesa da dissertação. Apesar de já termos tido acesso à edição, optamos por não atualizar as citações deste artigo.
- ¹² Disponível em: <http://zeus.atilf.fr/dmf/>. Acesso em: 18 ago. 2024.
- ¹³ Respectivamente disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b6000099t>; e <https://opac.kbr.be/Library/doc/SYRACUSE/16493973/le-livre-des-fais-d-armes-et-de-chevalerie-ms-10476>. Acesso em: 18 ago. 2024.
- ¹⁴ Para detalhes técnicos desses manuscritos, Cf. Ouy; Reno; Villela-Petit, 2012, p. 294-306.
- ¹⁵ Texto original: “nature alone teaches no aspect of human culture, however ‘natural’ that behavior might seem to us”.
- ¹⁶ Vale destacar aqui que a literatura didática não é apenas encontrada nas culturas que tradicionalmente são estudadas da Europa “pré-moderna”, também pertencem a culturas diversas como a Bizantina e a Russa, por exemplo (Ruys, 2008, p. 4)
- ¹⁷ Quem acabou herdando o trono foi o filho mais novo do rei Charles VI, Charles (1403-1461), tornando-se Charles VII.
- ¹⁸ Texto original: “as a woman who is determined to take an active role in shaping, in so far as she can, the fate of her beloved but ailing France”.
- ¹⁹ Também chamado de “espelho de príncipe”, ou apenas “espelho”. É um tipo de obra definida como “didactic writings intended to serve the moral, religious, and political education of future kings and

- princes” (escritos didáticos destinados a servir à educação moral, religiosa e política de futuros reis e príncipes) (Classen; Bratu, 2010, p. 1921)
- ²⁰ Texto original: “parfaitement explicite et explicitée” e “l’art de la chevalerie à la morale, au droit et à la loi.”.
- ²¹ Argumento que buscamos desenvolver previamente em nossa monografia de conclusão de curso, Cf. Sander, 2016.
- ²² Texto original: “[...] [je] suis ennortee, apres mes autres escriptures passees, [...] a parler en ce present livre du tres honnoré office des armes et de chevalerie, tant es choses qui conviennent comme es droiz qui leur sont partinans, si que le declairent les loix et divers auteurs [...]. Mais comme il affiere ceste matiere estre plus excecutee par fait, dilligence et scens que par soubtillité de parolles polies, et aussi consideré que les exerçans et expars en la ditte art de chevalerie ne sont communement clers ne instruis en science de langaige, je n’entens a traittier ne mais au plus plains et entendible langaige que je pourray, a celle fin que la dottrine donne par plusieurs autteurs, [...] propose en ce present livre, declairier puist estre a tous clereet entendible ”.
- ²³ Texto original: “[...] pour plus plainement declairer sur ce pas et respondre aux questions qui estre meues y pourroyent, [...]”.
- ²⁴ Texto original: “[...] autresy comme il ne soit quelconques autre chose es ordonnances des humains* qui par espace de temps ne se mue et change, me semble bon touchier en brief aucunement en plus entendibles termes des ordonnances communes du temps present, si comme assez et sceu de ceulx qui armes exercent. [...]”.
- * Sentido de natureza humana.
- ²⁵ Texto original: “[...] pour ce que yceulx se sceurent bien aydier* de plus d’une manière de guerroyer, me semble bon afin d’encores accroistre et monteplier nostre matiere tousjours au prouffit des persuivans chevalerie, que adjoustions en cest partie les manieres des cautelles et subtilitez que ils** tenoient en leurs faiz [...] lesquelz a ouir pueent estre de bon exemple a semblablement ouvrir, se bon semble, a ceulx qui en telz cas se treuvent, selon les diversités des adventures d’armes*** [...]”.
- * Compreendemos que a palavra *aydier* (de *aider* – ajudar) tem sentido de facilitar ou contribuir com alguma coisa. Por isso associamos “bien aydier” (literalmente: bem ajudar) com beneficiar (DMF; Aider). A tradução americana (p. 81) apresenta “to take advantage of”.
- ** *Ils* está se referindo à linha anterior: “[...] les manieres que jadiz tenoient les vaillans conquereurs du monde [...]” (as maneiras que outrora tinham os valentes conquistadores do mundo).
- *** Literalmente “de acordo com as diversidades das aventuras de armas”. A tradução americana (p. 81) traz “fortunes of war”. Portanto, consideramos que “adventures d’armes” pode ter sentido de adversidade.
- ²⁶ Texto original: “[...] en confortant le bon desir que as de donner mateire aux chevaliers et nobles qui le pourront ouir d’eulx employer et plus embellir es faiz que noblesce requiert [...] est bon que tu cueilles sur l’arbre de batailles qui est en mon jardin aucuns fruiz et que d’iceulx tu uses. [...]”.
- ²⁷ Ver o capítulo 31 da segunda parte dessa obra.
- ²⁸ Texto original: “new meaning by cleverly weaving together disparate threads”.
- ²⁹ Texto original: “dubious literary activities”.
- ³⁰ Texto original: “mixes the sayings of others with his own”.
- ³¹ Texto original: “the materials of others annexed for the purpose of confirming his own”.
- ³² Texto original: “an ‘author’ [...] was not any old writer of literature, but was instead, and against the modern definition, a person who possessed *auctoritas*, and who might also have produced texts that were known as *auctoritates*” (grifos do autor).
- ³³ Texto original: “Classical texts that have accrued cultural capital and with it the status of guarantors of truth”.
- ³⁴ Texto original: “a judgment of the wise man in his chosen discipline”.
- ³⁵ Texto original: “exige des réductions, des amplifications, des démonstrations” e “sous-entend une appropriation et une organisation de la matière”.
- ³⁶ Texto original: “la revendication traditionnelle du compilateur”.
- ³⁷ Cf. II, xvi, xxii-xxiii, 139-141, 151-162.
- ³⁸ Texto original: “fortement de celui de son modèle, et qui associe la précision technique dans l’emploi du vocabulaire juridique et le souci de clarté didactique”.

- ³⁹ Conforme Biederman (1991) e Willard (2001, p. 254), a acusação foi feita por estudiosos como G. A. Campbell, N. A. R. Wright e Philippe Contamine, mas não conseguimos acesso aos textos originais para verificar.
- ⁴⁰ Charity C. Willard incluiu, em rodapé, apontamentos relacionando os capítulos dos *Faits d'Armes* com a *Epitoma*, a partir da tradução britânica feita por N. P. Milner em 1993.
- ⁴¹ Willard sugere que apenas os capítulos IV e XI da parte II da *Epitoma* tenham sido utilizados por Pizan em partes do capítulo XII e XIV do primeiro livro dos *Faits d'Armes*, respectivamente (Pizan, 1999, p. 37 e 42).
- ⁴² Texto original: “Et dit ycellui que les anciens bien advisez ne faisoient mie les ençains des murs de leurs cités ou forteresses tous drois en la ligne, si comme on fait ores. Car ilz disoient que ainsi faiz estoient plus attes et plus disposez a recepvoir les coups des engins et aussy a estre eschiellés”.
- ⁴³ A edição de Monteiro e Braga (2009 IV, ii, 336) também traz o texto original, em latim: “Ambitum muri directum veteres ducere noluerunt, ne ad ictus arietum esset expositus”.
- ⁴⁴ Texto original: “Cy recapitulie en brief aucunes choses des ordres dîtes”.
- ⁴⁵ Texto em latim: “Regulae bellorum generales” (Monteiro; Braga, 2009, III, xxvi, 324).
- ⁴⁶ Cf. I, xxix, 102-103 e fôlios 42r e 42v, respectivamente.
- ⁴⁷ Texto original: ¶ Fais que tu congnoisses les chevaliers ains que en batailles tu le maines. Et se d'aventure tu les as, ne t'apuies a eulx. Car mieulx vault en batailles se tenir sur as garde que se fier trop en gent estrange et non congneue. [...]
¶ Mieulx vault laissier apres arrenge de batailles* assez d'aydes que trop plantureuse bataille faire, car aux lassez les freschement venuz pueent secourir.
¶ Plus ayde vertu que multitude. Et souvent vault mieulx en bataille lieu que force. [...]
¶ Ne maines chevalier en batailles s'il n'espore la vittoire, car s'il a petite esperance il est demy vaincu.
¶ Les soubdaines choses espovent les ennemis qui son adversaire chace mausaigement. La vittoire qu'il avoit eue lui convoitte a donner.
* Em alguns casos, a palavra *bataille* pode estar se referindo às linhas da formação de combate que as armadas assumem em campo de batalha (DMF; Bataille).
- ⁴⁸ Texto em latim: Numquam miles in acie producendus est cuius antea experimenta non ceperis. [...]
Melius est post aciem plura servare praesidia quam latius militem spargere. [...]
Amplius iuvat virtus quam multitudo. [...]
Numquam ad certamen publicum produxeris militem nisi cum eum videris sperare victoriam.
Subita conterrent hostes, usitata vilescent. (Monteiro; Braga, 2009, III, xxvi, 324 e 326).
- ⁴⁹ Texto original: “[...] il soit dit es chaudes terres approuchans du souleil les hommes, quoy que ilz soient saiges, par qouy ne doit estre pris ne des uns ne des autres, mais que ceulx des terres moyennes font a prendre”.
* O Trecho grifado se refere a uma parte que não está presente no *Ms. 603*, apenas no *Ms. 10476*, f. 18r/b, que transcrevemos: “cault et malicieux / ny sont pas moult hardis / pource que pas nont fait son / sang pour cause de la chaleur / qui y abonde, Et ainsi par le / contraire dient que ceulx des / froides terres sont hardis et non saiges”.
- ⁵⁰ Texto em latim: “Omnes nationes quae vicinae sunt soli, nimio calore siccitas, amplius quidem sapere sed minus habere sanguinis dicunt ac propterea constantiam ac fiduciam comminus non habere pugnandi, [...]. Contra septentrionales populi, remoti a solis ardoribus, inconsultiores quidem sed tamen largo sanguine redundantes, sunt ad bella promptissimi. Tirones igitur de temperatioribus legendi sunt plagis, quibus et copia sanguinis suppetat ad vulnere mortisque [...].” (Monteiro; Braga, 2009, I, ii, 178).
- ⁵¹ Texto original: “Quant a moy, tiens que nulle autre rigle n'y doit estre gardee ne mais eslire ceulx qui plus ont veu, et qui plus se delitent en l'exercite d'armes, [...]. Et yceulx, de quelque nacion que ilz soient, font recepvoir et prendre”.
- ⁵² Dados de acordo a Bibliothèque Nationale de France. Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb16844263m.public>. Acesso em: 18 ago. 2024.
- ⁵³ Em tradução nossa, o título significa “Feitos e ditos memoráveis”. O manuscrito também se encontra disponível on-line em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8451116z>. Acesso em: 18 ago. 2024.
- ⁵⁴ Texto original: “was made up entirely of quotations from the *Strategemata*” (grifo do autor).
- ⁵⁵ Texto original: “tant aux princes comme aux chevaliers et nobles, et aussi a la communauté du peuple”.
- ⁵⁶ Texto original: “rôle organisateur”.

-
- ⁵⁷ Texto original: “réécriture christinienne révèle une approche plus juridique et pragmatique que celle de Bovet”.
- ⁵⁸ Texto original: “[...] prolixe quand Bovet effleure un sujet qui gagne à être développé dans une perspective pragmatique ou juridique”.
- ⁵⁹ Texto original: “la complexité de la phrase de Christine tient souvent à sa volonté de soutenir la compréhension du lecteur”.
- ⁶⁰ Texto original: “qu’il ne pourroient riens demander selon droit, se non que li roys leur eust fait aucuns aultrez comvents...”.
- ⁶¹ Texto original: “Sans faille je te respons que non, ou cas que autre convenance n’y aroit, ne mes de leurs purs gaiges. Car ce sans plus leur fu convenancié et ce pueent ilz demander et plus non. Et se tu me veulx demander pour quel rayson cestui cappitaine n’a aussy grant accion de demander au maistre* qui l’envoye comme le cy devant dit etc., je te respons pour ce que la loy porte plus grant faveur a cellui qui point n’est liez par marchie et est mis en besoingne que a cellui qui se lie. Et par exemple le puez veoir d’un homme qui ara demouré avec un marchand ou autre an et jour, sans ce que par marchie fait le soit louez. Il puet faire trop plus grant demande des biens de l’ostel et de la marchandise, s’il n’y a aucune autre certaine cause que le diz maistre excuse, que cellui homme qui alouez seroit par marchie fait. Et pour ce te diz que n’est mie bien advisiez l’omme qui en son hostel prent aucun pour residantment demourer se aucun marchi absolu avec lui ne fait. Car la loy presuppose homme ainsi demourant comme compaignon** du maistre et si que a gaaingne et a perte.”
- * *Maistre* (mestre) aqui se refere ao senhor que contratou o capitão mercenário, mencionado linhas antes.
- ** A tradução americana (p.165) coloca “for the law presupposes that a man dwelling with another is his equal” (pois a lei pressupõe que um homem vivendo com outro é seu igual). O DMF diz que um dos usos da palavra *compaignon* (companheiro) é de “marquer une idée d’égalité entre des individus” (marcar uma ideia de igualdade entre indivíduos) (DMF; Compaignon).
- ⁶² Pagot afirma que a *compilatio* “est un choix *esthétique* conscient et délibéré de Christine” (é uma escolha *estética* consciente e deliberada de Christine), grifo nosso.
- ⁶³ Texto original: “mise au service du sens de l’œuvre”.